

**ESPAÇO**

**PEDAGÓGICO**

**DIÁLOGO COM  
EDUCADORES**



# Diálogo com Educadores<sup>1</sup>

*Prof. Dr. Nelson De Luca Pretto*

Nelson De Luca Pretto é Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, onde exerce atividades profissionais desde o ano de 1978. Sua larga experiência na área da educação, com ênfase em educação e comunicação, credencia-o como uma das maiores referências nacionais no assunto na atualidade. Suas atividades docentes e pesquisas têm sido desenvolvidas em torno de temas candentes, como internet, educação e cibercultura, informática educativa, tecnologia educacional, software livre, acesso aberto e educação a distância. A formação inicial foi realizada na licenciatura em Física, título obtido pela Universidade Federal da Bahia em 1977; o mestrado em Educação também foi desenvolvido na UFBA, em 1984; e o seu doutoramento em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo data do ano de 1994. Os estudos de pós-doutoramento ocorreram na Universidade Trent de Nottingham/Inglaterra (2008/2009) e na Universidade Goldsmiths College/Londres, ambos com apoio da Capes. Os diversos livros, capítulos e artigos publicados ao longo de décadas constituem contribuições inestimáveis para o avanço dos debates acerca das tecnologias digitais.

**EP:** Gostaríamos que você falasse um pouco sobre sua trajetória como estudante da educação básica, destacando as experiências mais significativas presentes em sua memória.

**Pretto:** Minha vida de estudante foi, por um lado, tumultuada, pois, acompanhando minha família, tive que mudar de escola pelo menos três vezes, mas, por outro lado, foi muito estimulante, já que, ao entrar em cada nova escola – e por azar sempre no meio de ano –, eu me deparava com enormes desafios, não só do ponto de vista da escola no sentido estrito, mas, talvez principalmente, do ponto de vista existencial. Imagina, sair de Porto Alegre, ir para o interior de Santa Catarina, na minha querida Joaçaba de uma infância animada, depois voltar para um ano em Porto Alegre e, por último, desembarcar aqui na Bahia, numa longa viagem de carro, com papagaio, periquito, cachorro e tudo mais. A chegada ao novo colégio foi impactante, na verdade, mais do que tudo, foi um choque cultural. E como todo choque cultural, de uma riqueza fenomenal. Eram grandes as diferenças entre a

<http://dx.doi.org/10.5335/rep.2013.3563>

Bahia e o Rio Grande do Sul da época – é importante lembrar que, praticamente, não tínhamos televisão em rede nacional e nem mesmo telefone funcionava direito (uma ligação de Salvador para a família em Porto Alegre demorava pelo menos oito a dez horas; pedia-se a ligação pela manhã e lá pelo meio ou final da tarde conseguia-se completá-la).

Em Salvador, no ginásio – nome da época para o segundo nível do fundamental –, o meu envolvimento com o clube de ciências, com o grupo de escoteiros e com o grêmio foram fundamentais para a minha formação cidadã, científica e política. Na virada do ginásio para o colegial, assumi a presidência do grêmio do colégio, numa época muito difícil para o país, pois ainda vivíamos a tensão da ditadura militar e, mais uma vez, a contribuição para minha formação política foi fundamental.

**EP:** E sobre os seus estudos de graduação, qual foi o curso realizado, em que instituição, e o que mais lhe marcou em sua experiência formativa?

**Preto:** Entrei na Universidade Federal da Bahia para o curso de Física, sem segunda opção. Minha primeira opção era engenharia elétrica, mas, confesso, sem grande euforia. A opção pela licenciatura foi imediata, assim como foi de imediato o meu envolvimento com o ensino. Passei a atuar no ensino médio em diversas escolas de Salvador e Feira de Santana, ministrando aulas de física para o primeiro, segundo e terceiro anos, este já tomado pela preparação para o vestibular, o que me levou, também, a dar aula em cursinhos. Foi um sofrimento, pois a ideia de preparação com base na memorização de fórmulas, muito comum nos cursinhos, não me agradava e afastava-se totalmente da maneira como eu ensinava física nos anos iniciais. A atuação no Sindicato dos Professores foi, de novo, fundamental para a continuidade de minha formação política, e, com isso, creio que foram se solidificando as concepções que tenho sobre formação de professores: um profissional que precisa ser um líder intelectual, ativista e com forte formação política. Não vejo como não seguir essa tríade se queremos que o professor tenha, de fato, um papel importante na formação da juventude e dos futuros profissionais. Além disso, penso ser fundamental que os professores tenham muito clara a dimensão comunicacional da profissão docente. Vários foram os mestres que contribuíram com a minha formação, mas quero mencionar um e, a partir dele, homenagear todos os demais: Luis Felipe Perret Serpa. Físico de formação que passou a atuar, também, no campo da cultura e da educação – assim como eu, um seu seguidor –, Felipe foi fundamental para a minha formação superior. Ele me desestabilizava toda vez que eu achava que estava no caminho certo, e, com isso, fui percebendo que essa é uma importante característica de um bom professor. Lembro-me fortemente das minhas aulas de evolução da física (acho que era essa disciplina!) ofere-

cida na Faculdade de Educação e que, como parte das leituras que fazíamos como futuro professores de física, ele incluía um autor que até hoje releio, Horton, que nos trazia a perspectiva tradicional africana para analisar os fenômenos naturais. Era simplesmente genial perceber uma visão tão ampla de formação como nos era trazida por Felipe, que depois terminou sendo meu principal interlocutor ao longo de toda a minha carreira profissional. Estivesse ele onde estivesse, eu o visitava para com ele trocar maravilhosas ideias (e tomar uma cachacinha juntos, claro!). Foi assim em Brasília, em Ouro Preto e aqui em Salvador, quando, desde que iniciiei minha vida como professor da Universidade Federal da Bahia, no Instituto de Física, em 1978, tinha nele meu principal interlocutor.

Foi estimulado por ele que, depois de um tempo tocando as questões dos livros didáticos no Inep/MEC, em Brasília, e coordenando um setor de projetos especiais da Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (Funtevê), no Rio, que me desloquei para um doutorado na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, com Ismar de Oliveira Soares, no ano de 1990.

**EP:** Então, fale um pouco sobre esse período e quais as principais experiências investigativas?

**Pretto:** Fui para a ECA ainda como professor do Instituto de Física para estudar a percepção popular de ciência e como se dava a divulgação do conhecimento científico, particularmente para as crianças pobres, já que um pouco antes disso trabalhei com Vivaldo da Costa Lima na coordenação do projeto educacional do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), no centro histórico (Pelourinho e Maciel) de Salvador.

No meu doutorado, mexeu-me muito a inquietude intelectual de Ciro Marcondes Filho. Fiz a disciplina que ele oferecia sem que esta fosse ser necessária para o meu projeto original. Foi nela que tive a oportunidade de me aproximar dos autores e das teorias pós-modernas que foram fundamentais para a guinada do traçado que esse projeto teria.

Também, importante lembrar que era um momento no qual a internet apenas engatinhava, e nada fácil era usar um e-mail, o Gopher para as pesquisas, tudo em terminal ainda sem a linguagem html, e as páginas que vieram a constituir a *World Wide Web* que gerou o tal www, já parte da nossa linguagem cotidiana.

Do estudo do vídeo nas universidades passei a pensar nas novas tecnologias da informação e comunicação, como era denominado o que chamamos hoje de tecnologias digitais de informação e comunicação. Quando do meu retorno à UFBA, Felipe Serpa encontrava-se no cargo de reitor e convidou-me para ajudar na im-

plantação da internet no estado da Bahia e, com isso, mais um enorme desafio. Fizemos um belo trabalho na universidade e no estado da Bahia. Em pouco tempo, tínhamos uma universidade bastante conectada e, mais do que isso, compreendíamos que não era possível ter uma internet somente para a academia, e muito menos apenas para o setor comercial. Foi assim que começamos um esforço de conectar as ONGs baianas, tendo sido instalado no centro histórico de Salvador um nó da rede (servidor Zumbi) que atendia a todas as ONGs com uma conexão que ainda era precária, mas já significava o princípio de colaboração que iria definir todas as nossas ações em torno da implantação da internet no estado da Bahia. Sem dúvida, não foi algo simples. Imediatamente, começamos, também, a buscar uma forte articulação com a prefeitura de Salvador, na época, sob o comando de Lídice da Mata, que sofria uma enorme pressão por conta da ação de Antonio Carlos Magalhães, cuja família é a proprietária da emissora retransmissora da Globo no estado e, com isso, promovia sistemáticos ataques à prefeitura. Com todas as dificuldades, apoiamos a implantação da internet na primeira escola pública municipal, no bairro popular do Marotinho, em Salvador, com apenas uma linha discada e uns poucos computadores. Era uma conexão praticamente simbólica, mas, desde aquele momento, já insistíamos naquele que terminou sendo o meu bordão durante todo esse processo: não queremos a internet nas escolas, e sim as escolas na internet. Ou seja, queríamos, desde aquele momento, as escolas, com seus professores e alunos, sendo produtores de culturas e conhecimentos, e não meros consumidores de informações. Queríamos as escolas conectadas para que elas pudessem estar na rede e com a rede colaborar. Insistíamos, nos escritos e nas ações, que os professores precisavam ter uma postura ativista. Ou seja, sem falar na expressão, já antevíamos o que depois passei a denominar como sendo o professor com um jeito *hacker* de ser!

**EP:** Pois então, justo aqui poderia falar um pouco sobre como está o desenvolvimento do que você tem chamado de cultura *hacker*. Em sua opinião, qual a contribuição dessa cultura para a educação?

**Pretto:** Pois é, a ideia de compartilhamento, de colaboração e de generosidade sempre esteve presente em minhas pesquisas e intervenções. A partir do final da década de 1990, comecei a me aproximar mais de autores que escreviam sobre os hackers. Já era um aficionado pelo movimento do software livre, e, durante a nossa gestão, junto com a prof<sup>a</sup>. Mary Arapiraca, na direção da Faculdade de Educação da UFBA, entre 2000 e 2008, fizemos um trabalho intenso de implantação do software livre na instituição, lamentavelmente, não tão bem-sucedido como eu gostaria. Pois

bem, retomando, comecei ao longo desse tempo a me aprofundar mais sobre o trabalho dos hackers, e o livro do filósofo finlandês Pekka Himan (A ética dos hackers e o espírito da era da informação, Campus, 2001) terminou sendo fundamental para que déssemos mais ênfase em nossas pesquisas nesse tema. E aí fomos fundo. Tornou-se meu projeto de pesquisa na UFBA submetido para obter uma bolsa no CNPq (não digo que sou pesquisador do CNPq, como muitos gostam de se referir, pelo fato de ter uma bolsa com o terrível nome de “bolsa produtividade”; digo sempre que sou bolsista do CNPq, porque, de fato, sou pesquisador da UFBA com apoio do CNPq, e isso faz uma grande diferença!) e virou uma disciplina de pós-graduação (Ética hacker e educação) e de graduação (Memória em vídeo da educação na Bahia), além de um seminário multimídia integrado, realizado durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia no ano de 2010. O seminário foi uma experiência muito interessante, pois preconizamos, em nosso grupo de pesquisa, que o ensino, a pesquisa e a extensão, o tripé indissociável que define uma universidade, não deve ser algo feito por pessoas diferentes. Defendemos que todas as nossas ações de pesquisas precisam estar articuladas com o ensino e a extensão, e isso tudo de forma interdependente. Pois assim fizemos, e, na página [www.eticahacker.faced.ufba.br](http://www.eticahacker.faced.ufba.br), é possível encontrar todo o material produzido durante aquele ano. Foi muito bacana a experiência e convido-lhes a visitar a página e assistir aos vídeos.

Mas voltando à cultura *hacker*, o que aqui é destacado, tanto por Pekka Himannen como pelos demais autores que estudam o tema (ao final disponibilizo uma pequena lista com as principais referências para quem desejar aprofundá-lo), é a busca pelo compartilhamento de informações. Esse compartilhamento é o bem mais precioso que temos, e ele vai ajudar a construir todas as novas formas de nos relacionarmos na sociedade, numa perspectiva contrária à dessa sociedade consumista e individualista em que vivemos.

Assim, temos insistido nessa perspectiva de compartilhamento, e isso tem gerado nossas ações em várias frentes, dentre as quais, a luta pelo Plano Nacional de Banda Larga, pela neutralidade da rede e pelo Marco Civil da Internet, pela urgente reforma da legislação do direito autoral, pela implantação de *hackerspaces* em todo o Brasil, ou, como gosto muito de dizer, de pontos de ciência e tecnologias, fazendo uma referência à importância de uma política pública de implantação dos Pontos de Cultura na gestão de Gilberto Gil e Juca Ferreira no Ministério da Cultura no governo Lula.

**EP:** A presença das tecnologias digitais é, hoje, uma realidade em grande parte das escolas brasileiras. Como isso está se dando, em sua opinião?

**Preto:** A primeira coisa que nós precisamos ter bastante clara é que essa demanda pela entrada das tecnologias na escola tem que ser uma demanda de professores, e não uma demanda da indústria de equipamentos. Pra mim, esse é o ponto nevrálgico e fundamental da questão. Quero dizer com isso que, se as tecnologias chegam à escola meramente como imposições trazidas por uma pressão da indústria de equipamentos que pressiona tanto o professor diretamente, como sempre fez com a indústria do livro didático, quanto o ministério e as secretarias, como tem feito com a questão de tablets, UCAs e coisas e tais, a escola e o professor, em particular, ficam sem espaço para decidir, constituindo-se apenas em um executor das políticas definidas fora da escola, cabendo-lhes, pura e simplesmente, seguir as orientações emanadas ou de ministérios ou de secretarias, ou, o que é muito pior, dos conteúdos dentro dos materiais educacionais, seja lá qual suporte for. Então, para começar a conversa, é importantíssimo ficar claro que nós precisamos de uma política com foco no fortalecimento do professor enquanto uma liderança acadêmica e política.

Desde o início da escola pública, da ideia de que a educação precisa ser universalizada, laica e pública, como um direito do cidadão (estamos falando isso desde o século retrasado na Revolução Francesa), o papel do professor sempre foi considerado fundamental, só que pouco se tem feito ao longo do tempo sobre isso. Ou seja, elaboram-se planos mirabolantes, e eles chegam às escolas para serem executados. Eu sempre me lembro da conferência da professora Maria Cristina Davine, da Universidade de Buenos Aires, numa reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (Anped), na qual ela analisava as políticas do Banco Mundial, mas que podem ser trazidas para os dias de hoje com as políticas do tablet e do UCA. Dizia ela que, se tudo der certo, o mérito é da política pública gestada; mas, se der errado, a culpa é do professor! Assim é fácil, não é? Passa-se o problema para o professor e, claro, depois se vem com o discurso de que o professor é resistente. Eu tenho insistido muito nisso: o professor **não tem resistência**, ele é **levado a resistir** pela absoluta falta de condições para a implantação dos projetos. Professor tem uma boa vontade fenomenal, é um verdadeiro herói. Falamos de condições de trabalho, de infraestrutura das escolas, da arquitetura das escolas, da qualidade da banda larga, do currículo, do tempo para leituras e aperfeiçoamento, e por aí vai. E se continuamos com esse raciocínio, chegamos às universidades, especialmente as públicas, e às faculdades de educação. Para analisar a questão, precisamos pensar em duas frentes: uma olhando adiante e a outra olhando para trás. Então, a olhando para trás é o quê? Os professores que estão hoje em exercício, efetivamente, não são nativos digitais, são no máximo migrantes digitais, ou seja, eles não nasceram imersos nas tecnologias digitais de

informação e comunicação e, portanto, precisam aprender, como qualquer tipo de alfabetização. É necessária uma atenção especial aos professores que já estão em serviço, ou seja, aqueles professores que já estão trabalhando e estão recebendo alunos da geração que eu denomino de *geração alt+tab*, que são os nativos digitais. Esse processo de formação tem, também, vários aspectos: primeiro, ele não pode ser uma novidade, ou seja, professor tem que estar em formação permanentemente. Qualquer profissão demanda isso, mas para a profissão docente isso é uma forte exigência, porque se trabalha com a juventude que traz no bojo da sua existência a novidade, a rebeldia, que são os jovens que estão querendo descobrir coisas novas e desafiar o estabelecido. Se os mestres não estiverem em permanente formação, não darão conta de acompanhar o que está acontecendo, e não falo aqui somente em termos de tecnologias, mas das mudanças de valores e de costumes. Você imagina uma professora, usando no feminino pela constatação do número de mulheres na profissão, de 50 ou 60 anos de idade, que viveu no tempo em que a família era formada por pai, mãe e filhos e agora encontra casais de todos os tipos, dois homens, duas mulheres, um homem e uma mulher, com filhos... Quer dizer, se essa pessoa não tiver um processo permanente de formação, ela não dará conta de trabalhar na escola com essa juventude.

Esse processo formativo permanente, agora especificamente falando das tecnologias, é fazer que os professores em exercício possam se apropriar mais do uso das tecnologias e, essencialmente, compreender que ensinar é, também, aprender. E é, também, aprender com os alunos que, nesse particular, não se tem a menor dúvida, eles são os nossos mestres. Como mencionei, esta é uma frente, o de olhar os professores em exercício, o olhar pra trás.

O olhar para frente é pensar na formação inicial. Se não nos preocuparmos com a formação inicial dos professores, vamos, permanentemente, estar corrigindo a formação. Aqui temos que ser enfáticos, temos que dar uma atenção especial às faculdades de educação das universidades públicas, que são as faculdades que formam os professores para todas as áreas. Todos os professores em formação passam pelas faculdades de educação, seja ele um licenciando em física, química, história, educação física ou biologia, seja ele um pedagogo.

Portanto, uma atenção especial, um programa que olhe, mais atentamente, para essas instituições é algo absolutamente fundamental e simplesmente não existe. Ao longo desses anos todos, não existe uma atenção às faculdades de educação; ao contrário, o que existe, não sem razão, é bem verdade, é uma crítica contundente a elas. Eu fui diretor da Faculdade de Educação da UFBA durante oito anos e sei das dificuldades para se tratar dessas questões. Mas é justamente por isso que penso ser necessária uma atenção maior.

Os exemplos são inúmeros. No passado, quando se lançou o programa TV Escola, foram distribuídas antenas parabólicas, vídeos e equipamentos para escolas públicas, e nada para as faculdades de educação. Assim, nos perguntávamos: como preparar os futuros professores para trabalhar com a televisão e o vídeo, se na sua formação isso não foi tratado? Mais adiante tivemos o Proinfo, o UCA, agora os tablets, e nada de uma ação mais concreta e mais contundente para as instituições que têm como função precípua a formação dos professores.

Nós aqui na UFBA tivemos que aceitar fazer parte do processo de formação dos professores para usar os laptops do UCA, para poder conhecer mais o projeto e tentar incluir essa discussão na formação dos futuros professores. No entanto, as faculdades de educação como um todo, como instituições, foram solenemente esquecidas. Então, pergunto: como o futuro professor vai poder trabalhar daqui a quatro anos quando ele se formar e encontrar na escola cada aluno com um computador na mão?

Todas as faculdades de educação precisariam ter recebido esses computadores, e dentro delas precisariam ser implantados núcleos de pesquisa para incorporar na formação. Sem esse olhar para frente e para trás, em tese resolvemos o problema de hoje e, permanentemente, vamos colocando novos professores com as mesmas dificuldades nas salas de aula. Em outras palavras, quero dizer que as faculdades de educação das universidades públicas precisariam ser a vanguarda, mas lamentavelmente não são.

**EP:** O que é mais relevante na formação de novos pesquisadores na área de educação em um mundo informatizado e conectado?

**Preto:** Poderia responder isso de uma maneira muito direta: a escola hoje está preocupada em formar para a linearidade, e não para a complexidade. Esse, no meu ponto de vista, é o maior desafio que temos pela frente. E isso só será possível se a perspectiva plural de que tenho tanto falado estiver presente na educação, ou seja, como temos dito aqui em nosso grupo, se pensarmos em educações, no plural. Muitas educações, que compreendam a diversidade das pessoas, das regiões, das culturas. A escola passa a constituir-se naquilo que tenho chamado de um ecossistema pedagógico de comunicação e aprendizagem, com professores e alunos remixando tudo, misturando culturas, informações e conhecimentos. Fazendo ciência, produzindo tecnologias e artes. A escola, já dizia Anísio Teixeira na década de 1960, deveria se parecer mais com uma estação de televisão. Atualizar Anísio é dizer que a escola deve se constituir mais como um *hackerspace*, um laboratório

*hacker*, onde professores, alunos e comunidade produzam culturas e conhecimentos de forma permanente.

## Nota

<sup>1</sup> A coleta e sistematização das informações presentes nesta edição da seção Diálogos com Educadores foram realizadas pelo Prof. Dr. Adriano Canabarro Teixeira, integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado, da Universidade de Passo Fundo - RS.

## Sugestões de leituras

HIMANEN, P. *A ética dos hackers: o espírito da era da informação*. Trad. de Fernanda Wolff. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

HORTON, R. Diferenças entre culturas tradicionais e culturas de orientação científica. In: DEUS, J. D. de (Org.). *A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.

LEAL, O.; SOUZA, R. H. V. *Do regime de propriedade intelectual: estudos antropológicos*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010.

LEVY, S. *Os heróis da revolução: como Steve Jobs, Steve Wozniak, Bill Gates, Mark Zuckerberg e outros mudaram para sempre as nossas vidas*. Trad. de Maria Cristina Sant'Anna. São Paulo: Évora, 2012.

PRETTO, N. D. L.; SILVEIRA, S. A. *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008.

RAYMOND, E. S. *A catedral e o bazar*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/tl000001.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2010.

SALUM, G. C. *A propriedade intelectual no mundo contemporâneo no contexto geral das relações de propriedade*. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2009.